

# O PSDB e o 2º turno

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — A tendência majoritária do PSDB é pela declaração de voto a Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ou Leonel Brizola, do PDT, mas sem envolvimento direto na campanha do segundo turno e muito menos comprometimento com o próximo governo. Os tucanos são refratários a uma aliança com Fernando Collor de Mello, do PRN, mas têm dificuldades regionais muito fortes com o PT de Lula e não querem sofrer os respingos do natural desgaste do próximo governo, qualquer que seja ele. O PSDB só pensa no futuro.



Na tarde de quinta-feira, apenas um dia depois da eleição, o comitê central dos tucanos expediu uma nota por fac-símile para o candidato Mário Covas, que estava em São Paulo, informando que vários telefonemas de diferentes pontos do País condenavam por antecipação qualquer apoio a Collor. Ao mesmo tempo, os tucanos de São Paulo e Minas Gerais, principalmente, não manifestavam o mínimo de entusiasmo diante da hipótese de apoio ao petista Lula. A solução mais atraente ao PSDB parecia ser, desde o início, a vitória de Brizola sobre Lula na disputa pela segunda vaga do último turno.

A explicação é simples. O PDT só existe em função de Brizola e não tem expressão partidária regional suficiente para prejudicar o PSDB numa eventual aliança. Já o PT é um dos principais adversários do PSDB em Minas e São Paulo, justamente os dois Estados onde os tucanos estão mais solidamente implantados e fortes para as eleições de

1990. Em São Paulo há ainda, além de questões eleitorais futuras, antigas e recentes mágoas.

Na época em que o PMDB paulista ainda era dominado pela atual cúpula tucana, o PT foi irredutível ao negar o voto útil a favor do senador Fernando Henrique Cardoso. No ano passado, contudo, o voto útil dos tucanos favoreceu a vitória da petista Luíza Erundina. As mágoas recentes são já da eleição presidencial.

Um militante tucano lembra: *va ontem que lideranças petistas dos funcionários da Caixa Econômica Federal em São Paulo distribuíram folhetos acusando Covas de ter capitulado diante do regime militar.*

A questão é que a candidatura Mário Covas fincou pé na maioria das capitais graças a um sentimento anti-Collor que parece ter se disseminado na classe média bem remunerada. *“Nós éramos apenas uma bancada na Câmara, mas agora temos votos”, exultava ontem o líder Euclides Scalco. “Para consolidar o partido, precisamos ter o cuidado de agregar a militância da candidatura Covas ao PSDB.” Ele não disse, mas ficou implícito: não é com uma aliança com Collor que a simbiose se fará.*

As principais palavras de ordem dos tucanos são: coesão e unidade. Por isso, Scalco advertiu: *“As conversas do segundo turno são institucionais, de partido a partido, e quem fala pelo PSDB é o presidente Franco Montoro”.* O tom, as declarações e os movimentos dos tucanos indicam que a posição no segundo turno vai ser estritamente política, não prática. Ou, como comprou o deputado Saulo Queiroz (MS), bancário licenciado:

— No máximo, deveremos dar uma boa informação cadastral do candidato progressista. Avalizar, não.